

Ressano Garcia:

Prostituir-se não é nenhum mal...

Por António Elias

Ressano Garcia, vila fronteiriça entre Moçambique e África do Sul, é uma praça de problemas. Não há fábrica, não há machamba nem gado, porque o rio Incomati secou há muito, mas Ressano está cheio de gente de todas as partes de Moçambique, como eles próprios dizem. Como vivem? À volta do mineiro, fonte de sobrevivência para quase todos. E à base de tolerância: mesmo prostituir-se não é mal nenhum em Ressano Garcia...

Na manhã de quarta-feira, semana passada, um grupo de seis jovens foi recambiado da África do Sul pela fronteira de Ressano Garcia. Da RAS foram trazidos para a povoação de Ressano num camião de uma cadeia sul-africana, na qual permaneceram presos durante duas semanas. Haviām entrado para a África do Sul pela região de Massingir, província de Gaza.

Desta feita, e gorada a tentativa de chegarem ao destino, regressavam a Massingir, à casa.

Entre os seis, duas eram raparigas menores e outros dois rapazes também de menor idade. Os outros, também dois, assumiam-se responsáveis do que lhes acontecia.

As duas menores, na África do Sul, iriam ser ou já eram mulheres desses seus amigos, enquanto os outros menores iam procurar emprego.

Haviām sido presos por militares dentro da África do Sul, mas não iriam desanimar, segundo afirmaram ao SAVANA: aquela não era a

primeira vez que caíam presos por passar ilegalmente para o outro lado da fronteira. Os dois "maiores" afirmaram serem "há anos" empregados na África do Sul.

Aliás, segundo eles, na semana seguinte tentariam "nova travessia pelo mesmo lugar. O que nos aconteceu desta vez foi termos tido azar, como acontece muitas vezes na nossa zona".

A sua maior preocupação, nessa altura, era chegar a Massingir, de comboio, Ressano-Maputo-linha de Limpopo. Seriam eles a custear os encargos da viagem. As autoridades de Ressano Garcia não tem meios de fazer chegar, mesmo como presos, os repatriados à origem. Nem razão.

Nessa manhã da sua chegada a Ressano, compraram dois pães e dois carapaus e subdividiram; um



Sérgio Sentinano

pão e um peixe para cada grupo de três.

Grande parte dos violadores de fronteira que

caem em mãos da polícia ou militares sul-africanos é de maior idade, e "saltam para o outro lado à procura de emprego", conforme explicação de Sofia Mabúza, do NAR (Núcleo de Apoio aos Refugiados).

Violadores de fronteira votaram na RAS

Ressano Garcia é o principal ponto de repatriamento de moçambicanos na África do Sul. Dados do NAR indicam em 107 moçambicanos, o número de violadores de fronteira devolvidos, diariamente, da África do Sul durante o ano de 93.

Durante os primeiros meses deste ano, os números continuavam a ser da ordem de centena, diariamente.

Em Março último, houve uma grande redução, para

cerca de metade e, em Abril, praticamente não houve violadores de fronteira recambiados a Moçambique.

Fontes nossas em Ressano Garcia esclareceram que isso ficou-se a dever às eleições na África do Sul. Muitos dos violadores de fronteira foram precisados, para as eleições sul-africanas.

Boa parte dos que se encontram a residir na vila, hoje, chegaram ali dessa forma... e tentam encontrar sobrevivência no local. Ou porque de Ressano Garcia não encontram meios para voltar à origem, ou porque não têm interesse em voltar a casa: "Fazer o quê? Se saímos é porque lá não temos nada a fazer, e estamos a procurar emprego", explica Carlitos S, há dois anos a viver "com amigos" em Ressano Garcia: "Como vivo?

Muitas linhas fora de uso

Acima do relatado, o que sempre caracterizou a vila de Ressano Garcia é o movimento ferroviário. A pouco e pouco renasce maior frequência de circulação de locomotivas.

Até Outubro de 93, havia apenas um comboio entre Ressano Garcia e Maputo, que partia da capital ao fim da tarde. Dessa altura para cá passou a haver mais um comboio, das oito horas. Em Abril último, foi a introdução do "comboio internacional", sul-africano, com três viagens a Maputo por semana. Essa movimentação já traz mudanças notáveis em Ressano, conforme os locais.

Há, no entanto, o problema da destruição das instalações ferroviárias na vila e ao longo de quase todas as principais localidades ao longo da linha entre Maputo e Ressano Garcia.

Maiores destruições sofreram as próprias linhas. A estação de Ressano tinha, antes da guerra, um total de 22 linhas; das quais "14 de circulação e oito de sacó". Agora tem simplesmente 8 de circulação em condições de serem utilizadas, o resto ficou destruído, fora de uso. ■

"Conheço Chissano, dizem que há o Dhlakama"

Perguntámos a um mineiro que acabava de ser burlado, em Ressano Garcia, se sabia que tinha começado o recenseamento eleitoral no país.

"Já ouvi"

Conhece os candidatos à Presidência da República?

"Conheço Chissano, mas nunca o vi. Dizem que há o Dhlakama..."

Entre os próprios residentes da vila de Ressano Garcia há pouco interesse em acompanhar os acontecimentos políticos de hoje.

Sobre o assunto, o administrador Wetimane fez o seguinte comentário: "o meu partido, Frelimo, existe e funciona plenamente neste posto administrativo. Relativamente aos outros, não sei o que estão neste momento a fazer. Sei que existe um delegado da Renamo aqui em Ressano. Se age na clandestinidade, não sei... Eu nem sei onde fica a sede da Renamo".

Os outros partidos, nomeadamente Monamo, Fumo, PCN... não têm qualquer representação aqui, nem são conhecidos. Mesmo a Renamo nunca fez a apresentação do seu delegado perante esta administração territorial.

Enquanto isso, o delegado da Renamo em Ressano Garcia, Ali Lalá, conta que o administrador Wetimane "tem estado comigo, todos os dias. E sempre que precisei que ele me

recebesse na administração, me recebeu. Entanto que do partido Renamo, solicitámos instalações para nossa sede e estamos, até agora, aguardando que nos cedam".

Ali Lalá, que é um dos comerciantes mais representativos na vila, queixou-se, na altura, sobre o trabalho das alfândegas, na fronteira: disse estar a pagar entre 300 a 500 contos, diariamente, por cerca de mil kg de mercadoria que traz de Komatipoort, em cada manhã: "Foi há cerca de um mês que os homens das alfândegas agravaram para o triplo as taxas de quase todos os produtos. Por exemplo, antes do agravamento pagava-se, na fronteira, 8500 MT por cada caixa de refresco e 16 mil por uma de cerveja.

A principal actividade económica na povoação é justamente o comércio ou "pequenos negócios", como afirmaria o administrador. A agricultura é nula. Antes havia criação de gado, mas "a guerra derrubou tudo".

A agravar estes sectores, e particularmente o primeiro, esta o facto de o rio Incomati, que era a principal fonte de água na região, ter vindo a perder caudal gradualmente desde 83.

Para além da seca que muito influiu para isso, aponta-se a construção de barragens sobre o rio, do lado da África do Sul: "Basta algumas dezenas de metros depois da fronteira", diz Wetimane, "o Incomati tem água a correr". Do nosso lado, onde corria o rio está mato. ■

Desenrascos, com pequenos negócios".

Pouco depois, SAVANA presenciou um tipo de forma como esse grupo de homens garante sua subsistência naquele meio: um grupo de quatro moços na casa dos 20 anos de idade, ou pouco mais, discutia fortemente com um mineiro, Paulo Mateus, em rua isolada. O mineiro havia sido burlado por um dos rapazes, que entretanto dizia ter lhe sido oferecido esse dinheiro. Não aceitou devolver.

Mineiro solitário é burlado

Os outros três rapazes defendiam o amigo, que o

mineiro não tinha nada a reclamar.

O lesado contou como perdeu o dinheiro: depois de receber o montante de 4.106 randes, na Wenela, apareceram-lhe dois moços que se ofereceram a facilitar-lhe a troca de dinheiro. No meio desse processo, acabou recebendo o equivalente a um molho de mil randes, mas os moços já estavam na posse de dois. Prometeram concluir o pagamento instantes depois, mas acto contínuo desapareceram.

O encontro que presenciávamos, dia seguinte entre eles, havia sido casual. Ali, o mineiro viu que perdera definitivamente

o dinheiro, não sabe ao certo quanto dinheiro era, desse molho.

Normalmente, os mineiros andam em grupo. Quase todo aquele que anda "desprevenido e sozinho", na explicação do administrador local, Pedro Wetimane, "sofre burlas". Wetimane anota, entretanto, que se o caso aqui relatado fosse comunicado à polícia, o mineiro poderia recuperar o dinheiro.

Mas, por agora, "não há medidas possíveis para resolver o problema de roubos de forma radical".

São quase todos — crianças, jovens e adultos — que a todo o momento caçam os "madjhoni-djhoni". Aproveitando-se do facto de

muitos deles não conhecerem as novas notas que de cada vez que regressam ao país encontram em circulação, são normalmente enganados na utilização da moeda. Tiram-lhes 5 e 10 mil, convencidos que entregam notas de 500 e 1000 MT.

O administrador Pedro Wetimane diz que este panorama é praticamente inevitável, num lugar como é Ressano Garcia, "alberga muita gente, de quase todo o lado do país, mas todos esses sem ocupação. Então, a base de sobrevivência de todos é o mineiro. Sem o mineiro, Ressano deixa de existir".

Das maiores consequências desse meio, é a

grande concentração de mulheres de todas as idades nas pequenas ruas e bares, logo que o sol se põe. Sobre estas, o administrador diz: "os mineiros encontram aqui felicidade através destas mulheres. Uma felicidade simulada, que visa resolver o problema de sua sobrevivência". Há casos de "madjhoni-djhoni" que não chegam às suas casas, esgotam os dias e os bolsos em Ressano, confundidos nessa "felicidade simulada" que encontram nos locais.

Pedro Wetimane concorda que é prostituição gratuita, o que há naquela vila, mas como acabar com isso? São mulheres que vêm de diferentes províncias, e

"nós não podemos expulsar ninguém daqui. Simplesmente temos estado a tomar medidas preventivas, de protecção".

Que medidas...

Durante o ano passado, passavam diariamente de Ressano Garcia, de entrada para as minas da África do Sul, 145 homens, enquanto outros 124 entravam na vila, de regresso do "Djhoni", por dia.

De Janeiro a meados de Maio, neste ano, conforme a administração local, já estiveram de passagem na vila 33.405 "madjhoni-djhoni".

Não pudemos obter números de mulheres da "felicidade simulada"... ■